



ENTRE/PERFIL

www.correio24horas.com.br



Nilma Gonçalves

texto
@nilmacrisiss



Paula Fróes

foto
paulafróes@gmail.com



O guardião de uma nobre arte

Prentice de Carvalho decora Salvador e o mundo com obras de azulejaria; mas é pouco conhecido até no bairro onde mora

É possível que você já tenha passado em frente ao modesto sobrado de número 70, localizado no Porto dos Tainheiros, na Ribeira, e sequer desconfiado que ali mora um 'bom velhinho'. De fato, nesse ponto da cidade, nosso olhar se volta para o mar, onde barquinhos adornam as águas quentes e calmas da Península Itapagipana e chamam mais atenção do que a fachada da casa desgastada pelo tempo.

Nela, vive o artista visual Prentice de Carvalho, 82 anos. Lá também funciona seu ateliê, onde trabalha, de forma devotada, de domingo a domingo, pintando azulejos.

Apesar de uma queda que levou, a saúde física e mental está em dia. E pintar nem é mais trabalho, e sim propósito de vida. "Se eu parar de produzir, eu morro", conta logo no começo da conversa.

Adentrar no sobrado construído há 162 anos é uma experiência interessante. Ele não sabe precisar a quantidade de obras, mas são centenas de peças de azulejaria e cerâmica penduradas nas paredes. Objetos atuais e de épocas passadas, quando ainda pintava telas e retratos. Com o tempo, o taco de madeira que utilizava como base foi substituído pelo azulejo, que passou a chamar mais atenção dos clientes. Seu trabalho retrata símbolos reli-

giosos e da nossa cultura, como santos, orixás, mestres de capoeira, baianas de acarajé, igrejas e pontos turísticos.

Mesmo não sendo assim um Papai Noel, o artista nos presenteia com intervenções de azulejaria por diversos locais da capital baiana: placas de cerâmica com os nomes e os números das ruas do Pelourinho; o monumento ao lado da Igreja da Boa Viagem; o painel de Nossa Senhora e o outro da Via Sacra, na Igreja Mãe Rainha (Stiep); o painel na entrada do Cemitério da Quinta dos Lázarus, bem como retratos em lápides; painéis nos Alagados; o painel com caravanas no Shopping da Liberdade; a numeração da tradicional loja A Primavera, na Praça da Sé; o painel de Nossa Senhora das Graças, na Igreja da Graça; o painel de Santa Bárbara, na Fundação José Silveira, na Ribeira. Tem também o chafariz da comunidade da Gameleira, na Ilha de Itaparica. E essas são apenas algumas das obras assinadas por Prentice aqui pertinho de nós. Encomendas particulares são incontáveis, instaladas em prédios, casas e apartamentos.

NOVELA

Além dos visitantes brasileiros, o livro de presença do ateliê registra mensagens de turistas da Itália, Espanha, Portugal, França, Alemanha, Estados Unidos, Canadá, Colômbia, Japão e até da Ucrânia. São pessoas que vêm em busca de peças e também de conhecer o senhor que adora contar causos e histórias da sua vida.

Como a da época da escola, no colégio Teixeira de Freitas, onde não se saía bem nas outras disciplinas, mas, na de desenho, era fera. "Desenhava para os colegas e conquistava muitas namoradas assim", lembra, aos risos, espiando a reação de dona Valdecí Oliver de Carvalho, a companheira de seis décadas.

A simpática senhora é um dos braços direitos de Prentice. Quituteira de mão cheia, ela deixou de fazer salgados de festa e passou a ajudar o marido no ateliê. Ali, atravessa o dia realizando vendas, recebendo clientes e conversando com quem entra e sai. "Você já mostrou pra ela as fotos da novela?"

A novela é Segundo Sol (2018), que tinha a capital baiana - mais especificamente, o bairro do Santo Antônio Além do Carmo - como um dos cenários. A azulejaria do bar do Dodô, personagem de José de Abreu, foi produzida pelo artista da Ribeira. O material era levado para a locação nos estúdios da Globo, no Rio.

PEDIDO DE IRMÃ DULCE

Prentice vive quase recluso e só costuma sair para comprar tintas, pincéis, azulejos e material de trabalho em geral. "Pouca gente me conhece como artista até aqui no bairro. Falo com todo mundo da vizinhança, mas não sou de sair. Sou reservado. Sempre fui mais de observar, desde criança".

Na infância, seus pais, uma professora e um dentista, já se preocupavam com o filho inventivo e seu interesse pela pintura. Tinham medo que o

1 Na casa-ateliê da Ribeira, o artista autodidata pinta azulejos e recebe pessoas do mundo todo

2 Braço direito O artista com a esposa, dona Valdecí Oliver de Carvalho, 78

3 No corredor São centenas de peças de azulejaria e cerâmica penduradas nas paredes

Pouca gente me conhece como artista até aqui no bairro. Falo com todo mundo da vizinhança, mas não sou de sair



E DE ONDE VEM?

A origem do azulejo é egípcia, mas foram os árabes que levaram a técnica à Península Ibérica, formada por Portugal, Espanha, Andorra, Gibraltar e uma pequena porção do território da França. A palavra azulejo vem de "al-zulaich", que quer dizer algo como pedrinha polida. A partir de 1498, os azulejos começaram a ser feitos em Portugal e, aos poucos, foram ganhando um estilo característico, com desenhos mais realistas e grande riqueza de detalhes. A azulejaria portuguesa, uma das mais famosas do mundo, fez uma opção preferencial pelo azul. Foram esses os azulejos trazidos para o Brasil pelos colonizadores.

rapaz virasse mendigo: "Meu pai queria que eu colocasse um anel de doutor no dedo, mas não cheguei a me formar. Entrei na Escola de Belas Artes por uma porta e saí pela outra. Os professores diziam que eu não tinha o que aprender lá. Já sabia tudo", recorda Prentice, cujo nome dado pela mãe significa, ironicamente, 'aprendiz' em inglês.

Autodidata com orgulho, o artista baiano foi (e ainda é) bastante requisitado para dar aulas e ministrar oficinas, embora esteja sempre negando. Também nunca expôs seu trabalho, e, mesmo com os convites para participar de mostras artísticas lá fora, sequer cruzou os limites geográficos da Bahia: "O mais longe que já cheguei foi na Linha Verde, antes de Sergipe. Não gosto de sair de casa".

Talvez o isolamento autômposito tenha dificultado que mais pessoas conhecessem seu trabalho. Apesar de ter convivido com nomes das artes plásticas como Carybé (1911-1997), Mário Cravo Jr. (1923-2018) e o famoso ceramista alemão radicado em Salvador, Udo Knoff (1912-1994), com quem trabalhou, Prentice não teve a mesma projeção dos seus contemporâneos.

Ainda assim, algumas das suas obras ganharam o Brasil e o mundo. Na Paraíba, o jazigo do ex-presidente Epitácio Pessoa (1865-1942) possui um painel de azulejos produzido por ele. No Ceará, o artista balano acredita que a residência de Ciro Gomes também tenha uma peça sua, levada por uma equipe do ex-candidato à presidência. Em Dallas, EUA, o painel intitulado A Dança dos Orixás decora a casa de um cliente. Na Itália, o restaurador de um empresário exibe uma parede de cerâmica pintada em homenagem ao imperador romano Magno Máximo (335-388). Para o Vaticano, rumou o retrato do Papa João Paulo II (1920-2005), encomendado por freiras italianas.

Dois dos trabalhos que mais lhe dão alegria, no entanto, estão aqui em Salvador. São os painéis de Santo Antônio cuidando dos enfermos, na entrada do hospital das Obras Sociais Irmã Dulce (Osid), no Bonfim, e de Santa Rita de Cássia, no mesmo prédio. "Não cobrei nada por eles. A própria Irmã Dulce veio aqui no ateliê me pedir, lembro como se fosse ontem. O pagamento foi uma carteirinha com acesso livre ao hospital, que nunca usei e acho que nem vale mais. Essas são minhas obras que considero mais importantes, porque quem solicitou hoje em dia é uma santa".

SEM APEGO A DINHEIRO

Prentice sabe tudo sobre santos, mas não se considera um homem religioso. Ainda assim, acredita em Deus e se vale de princípios cristãos como o de-

Vivo dignamente. O que importa são as amizades, a consciência tranquila, o bate-papo com os amigos



sapego aos bens materiais. Ao passear pelo casarão onde vive com três dos sete filhos, logo se vê que o senhor de olhar manso não acumulou riqueza com o ofício iniciado há décadas.

Bastante jovem, ele administrou uma fábrica de cerâmica em Dias D'Ávila e desenhou para a Nestlé e para blocos tradicionais como Internacionais, Ilê Aiyê e Corujas. Também coordenou a sessão de Feiras do Instituto Mauá, nos anos de 1980. E garante que presenciou os primeiros shows da nossa futura Ministra da Cultura. "Ouví muito Margaret Menezes cantar 'Faraó'. Eu assinei a liberação para que ela se apresentasse com a banda nos eventos do Mauá", conta.

No ateliê, Prentice divide espaço com o filho Raimundo Oliver de Carvalho, 50, que é designer gráfico. A admiração pela figura paterna é visível: "Meu pai me ensinou o amor à arte, o compromisso com o trabalho, a curiosidade", revela Raimundo.

Os preços das peças expostas no local variam. Azulejos pequenos custam R\$ 35; médios, R\$ 50; obras mais elaboradas podem chegar a R\$ 7 mil. Pelo retrato de uma moça chorando, cuja imagem se assemelha à de Nossa Senhora, conta ter recebido de um xeique árabe a proposta de R\$ 150 mil. Recusou. "Essa eu não vendo por nada", diz, justificando a atitude como apego emocional à obra.

"Nunca quis ser rico. Vivo dignamente. A coisa mais bonita que a gente tem na vida são as amizades, a consciência tranquila, o bate-papo com os amigos, como esse que a gente tá tendo aqui", afirma. Deixa escapar que tem um único sonho: "Gostaria muito de abrir um museu com meu nome, para deixar como legado para minha família e para que as futuras gerações conheçam minha arte".

O ATELIÊ DE PRENTICE DE CARVALHO FUNCIONA TODOS OS DIAS, DAS 8H30 ÀS 18H - ENDEREÇO: PORTO DOS TAINHEIROS, 70, RIBEIRA. TEL: (71) 3316-3376 / @PRENTICEARTS

EXPOSIÇÃO APRESENTA AZULEJARIA CONTEMPORÂNEA

"A Bahia tem uma história muito rica e próxima com a azulejaria. Nós somos o maior repositório de azulejos do Brasil". Quem garante é Renata Alencar, coordenadora do Museu Udo Knoff, localizado no Pelourinho, e o primeiro museu de azulejaria e cerâmica do país. "A gente tem um museu de azulejo a céu aberto para ser descoberto, visitado e preservado", ressalta.

Para conhecer mais sobre a beleza da pintura em azulejos, o público pode conferir no espaço a exposição "O que não foi achado deve estar bem escondido - O (des)caminho da arte da azulejaria contemporânea em Salvador". Uma parceria com a Universidade Federal da Bahia (Ufba), a mostra apresenta obras dos artistas plásticos Bel Borba, Max Urban, Wagner Lacerda, Jenner Augusto e Axoloti Keropi.

Administrado pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Ipac), o Museu Udo Knoff de Azulejaria e Cerâmica foi fundado em 1994, para preservar e expor o rico acervo organizado pelo ceramista e pesquisador alemão Horst Udo Knoff, que morou na capital baiana.

Além das obras de autoria de Udo, o local reúne azulejos portugueses, espanhóis, franceses, ingleses, holandeses e italianos, datados dos séculos XVI ao XX, e criações de artistas locais como Jenner Augusto, Genaro de Carvalho, Sante Scaldaferrri, Calasans Neto e Carybé.

EXPOSIÇÃO

● 'O QUE NÃO FOI ACHADO DEVE ESTAR BEM ESCONDIDO - O (DES)CAMINHO DA ARTE DA AZULEJARIA CONTEMPORÂNEA EM SALVADOR

Onde Museu Udo Knoff de Azulejaria e Cerâmica (R. Frei Vicente, 3 - Pelourinho)

Quando Até 10 de janeiro. De terça a sexta, 10h às 16h; e aos sábados, 12h às 16h

Paga? Visitação gratuita. É obrigatório o uso de máscara